



SENADO FEDERAL  
SENADOR INÁCIO ARRUDA  
PC do B/CE

# *Conferência Mundial da Paz*



Brasília – 2009

Arruda



SENADO FEDERAL

SENADOR INÁCIO ARRUDA  
PCdoB/CE

# *Conferência Mundial da PAZ*

BRASÍLIA – 2009

**Expediente:**

**Edição: Aline Pizzato**

**Diagramação: Daila Malheiros de Santana**

**Colaboração: Centro Brasileiro de Estudos para a Paz**

**Imagem da capa: “Pomba da Paz”, de Pablo Picasso**

Gabinete do Senador Inácio Arruda – PCdoB/CE  
Senado Federal, Anexo II, Ala Filinto Müller, gabinete 07  
Brasília – DF  
CEP 70 165-900  
Telefone: (61) 3303-5791  
Fax: (61) 3303-5798  
e-mail: [inacioarruda@senador.gov.br](mailto:inacioarruda@senador.gov.br)

Gabinete em Fortaleza:  
Avenida da Universidade, 3199, Benfica  
Telefone: (85) 3281-0841  
e-mail: [falecom@inacio.com.br](mailto:falecom@inacio.com.br)

## Sumário

---

Prefácio .....	5
Discurso de Socorro Gomes, presidente do Conselho Mundial da Paz, na abertura da Conferência Mundial da Paz .....	7
Mensagem do Governador do Paraná, Roberto Requião, aos partici- pantes da Conferência Mundial da Paz .....	15
Declaração Final da Assembleia do Conselho Mundial da Paz .....	21
Nota de repúdio à militarização na América do Sul .....	31
Nota de apoio ao retorno do Presidente Manuel Zelaya a Honduras ...	33
Declaração Final da 2ª Assembléia Nacional do Cebrapaz .....	35
Intervenção na Reunião do Comitê Executivo do Conselho Mundial da Paz .....	39

As nações que conquistaram a paz estão em progresso, desenvolvendo-se e melhorando a vida dos seus povos. É precisamente nesses momentos que a humanidade progride e que o mundo se desenvolve.

Nesse sentido, a Conferência Mundial da Paz, promovida pelo Conselho Mundial da Paz (CMP) no último mês de abril na cidade de Caracas, capital da Venezuela, discutiu o tema da luta pela paz porque a guerra não interessa nem ao desenvolvimento nem ao progresso social. O evento reuniu representantes de mais de 80 países e de mais de 108 organizações sociais, que discutiram a situação política, econômica e social e as razões que ainda levam o homem e as nações a pleitearem o poder pela guerra, pela insensatez e brutalidade, principalmente das potências hegemônicas contra povos que estão em desenvolvimento.

Os conflitos regionais na América do Sul foram amplamente tratados nessa Conferência, bem como a necessidade de se desenvolver o caminho pela paz na região sem deixar que nenhuma potência alienígena interfira nos anseios do povo sul-americano de desenvolvimento e de progresso. É certo que durante as décadas de 60 e 70 instalaram-se ditaduras em toda a América do Sul a mando de interesses externos. Porém, é visível que essas nações estão tomando outro rumo, apontado injustamente por críticos como o do populismo, quando na realidade são governos voltados para a defesa dos interesses do povo, como ocorre com Rafael Correa, no Equador, ou mesmo com Evo Morales, um nativo da etnia quechua, majoritária na Bolívia, que alcançou o governo do seu país, ou como no exemplo do Brasil, onde um operário alcançou o governo. Seguindo essa lógica, outras nações sul-americanas a exemplo da Argentina, Paraguai, Venezuela, Uruguai e Chile vêm adotando políticas que não são populistas no sentido pejorativo que se quer dar, mas sim governos próximos do seu povo, que se preocupam em atendê-lo, em buscar os interesses da sua nação e seu desenvolvimento.

Outro fato relevante na Conferência em Caracas foi a escolha da brasileira Socorro Gomes para ocupar a presidência do Conselho Mundial da Paz. O Conselho Mundial da Paz tem relações com a Organização das Nações Unidas, de onde emana sua força para atuar em todos os países do mundo e relacionar-se com todas as organizações sociais. Não restam dúvidas de que, com uma personalidade como Socorro Gomes assumindo a Presidência do Conselho Mundial da Paz, será encontrado o melhor caminho para contribuir na luta pela paz entre sul-americanos e em relação a outros conflitos espalhados pelo mundo afora. Ex-deputada federal pelo PCdoB e presidente do CEBRAPAZ (Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz), Socorro é combativa, sempre engajada nas lutas mais importantes do seu povo e da sua Nação, que com o talento e apoio dos brasileiros e de todas as organizações, irá se envolver na busca de soluções para conflitos que persistem em nossa região e no mundo.

Destacamos ainda que o Cebrapaz não ficou silente diante dos mais recentes episódios políticos que afrontam diretamente o processo de democratização na América Latina e da paz entre os povos: o golpe de Estado ocorrido em Honduras, a instalação de bases norte-americanas na Colômbia e a reativação da Quarta Frota Naval dos Estados Unidos para monitoramento das águas sul-americanas. A instituição divulgou duas notas onde manifesta seu repúdio diante desses fatos, também incluídas nesta publicação.

Reproduzimos também a declaração da 2ª Assembleia Nacional do Cebrapaz, destacando que a luta pela paz ganha cada vez mais centralidade no mundo, e o discurso de Socorro Gomes durante a reunião de instalação do Comitê Executivo do Conselho Mundial da Paz, ocorrida em Damasco, na Síria, no qual foi reafirmado sua condenação às estratégias do imperialismo norte-americano e seus aliados, à militarização e todas as ameaças à paz.

Acreditamos que o trabalho desenvolvido pelo Conselho Mundial da Paz e pelo Cebrapaz sem dúvida oferece uma grande contribuição para alcançarmos o objetivo comum da humanidade: obter a paz para o engrandecimento das pessoas, para o desenvolvimento e para o progresso.

**Senador INÁCIO ARRUDA**

## **Discurso de Socorro Gomes, presidente do Conselho Mundial da Paz, na abertura da Conferência Mundial da Paz**

---

Queridas companheiras, queridos companheiros, para mim é uma grande honra proferir o discurso inaugural da Conferência Mundial da Paz, na condição de presidenta do Conselho Mundial da Paz. É uma missão para a qual há muitas companheiras e companheiros na vastidão do movimento pela paz no mundo, nas fileiras do nosso Conselho Mundial da Paz em melhores condições de desempenhar.

É um dos maiores desafios que assumi em minha vida de militante das causas mais nobres da humanidade, em muitos combates e batalhas pela liberdade, a democracia, a soberania das nações, os direitos humanos em toda a sua plenitude, a justiça e o progresso social, a solidariedade entre os povos e a paz, por uma sociedade fraterna por um mundo que seja apanágio e agasalho de uma humanidade livre de todas as cadeias da opressão.

“É um dos maiores desafios que assumi em minha vida de militante das causas mais nobres da humanidade, em muitos combates e batalhas pela liberdade, a democracia, a soberania das nações, os direitos humanos em toda a sua plenitude, a justiça e o progresso social, a solidariedade entre os povos e a paz, por uma sociedade fraterna.”

Nossa gratidão a Caracas, capital mundial da paz e da luta anti-imperialista, à Venezuela bolivariana, berço de libertadores, e especialmente ao presidente Hugo Chávez, protagonista da luta pela libertação do nosso Continente, hoje empenhado também em sua pacificação. Tendo sido a sede de nossa Assembleia e de nossa Conferência Mundial pela Paz, a Venezuela bolivariana reafirma-se como ponto de referência e encontro dos movimentos anti-imperialistas contemporâneos, fazendo irradiar para os povos de todo o mundo as idéias libertadoras e seu exemplo de luta pela construção de um mundo melhor.

Nesta Caracas, na data em que celebra a semana do bravo povo, assumo perante vocês o compromisso de dedicar o máximo das minhas energias e

o melhor do que o povo brasileiro me ensinou à causa do Conselho Mundial da Paz, que é a causa de todos os povos.

“Assumo perante vocês o compromisso de dedicar o máximo das minhas energias e o melhor do que o povo brasileiro me ensinou à causa do Conselho Mundial da Paz, que é a causa de todos os povos.”

Agradeço a confiança e expresso a minha convicção de que contarei com o amparo do coletivo, com o esforço de todas as organizações e pessoas que integram o CMP, nomeadamente o companheiro e amigo Thanassis Pafilis, Secretário-Geral reeleito na Assembleia encerrada ontem. A nossa causa, o bem comum e coletivo, só será alcançada coletivamente, com o esforço e a contribuição de todos.

Nesta ocasião – e creio nisto estar falando em nome de todos – quero expressar o agradecimento ao companheiro Orlando Fundora que conduziu com talento, discernimento e dedicação o Conselho Mundial da Paz desde a anterior Assembleia, em 2004, até aqui.

O companheiro Fundora nos aportou, além da sua experiência pessoal, de inestimável valor, a força e a garra do povo cubano e de sua gloriosa Revolução. Quero agradecer também aos nossos anfitriões do Cosi, especialmente seu presidente e seu secretário-geral, os companheiros Fermin Toro e Jul Jabur e toda a sua abnegada equipe, sem cujo esforço e dedicação o êxito deste evento não seria possível.

Companheiras e companheiros, a causa pela qual lutamos – a paz e um mundo sem guerras nem agressões imperialistas – é nobre e elevada, mas o caminho que a ela conduz é complexo e tortuoso. Conquistá-la exigirá luta, sabedoria, desprendimento e abnegação.

Não queremos a paz dos cemitérios, nem muito menos a paz dos vencidos ou dos rendidos. Ao longo da história da humanidade e sobretudo na sociedade contemporânea há forças poderosas que atuam no sentido contrário ao das liberdades e da paz, que impõem pela força das armas e pelo flagelo das guerras os seus interesses de rapina sobre os povos.

A Assembleia dos últimos dois dias e a Conferência que ora inauguramos se realizam nos marcos de uma situação mundial caracterizada pelas guerras de agressão, a insegurança, a instabilidade, os desequilíbrios sociais entre países ricos e pobres. O direito internacional foi amesquinhado, transformado em letra morta. As Nações Unidas são cada vez mais esvaziadas de

sua função precípua de fazer valer o direito internacional e dirimir pacificamente os conflitos internacionais e, ao contrário, são instrumentalizadas pelo imperialismo estadunidense no seu afã de exercer unilateralmente seu domínio sobre o mundo.

Nunca, no transcurso da história, houve tantas violações ao princípio da soberania nacional, à segurança internacional, aos direitos dos povos, como agora.

“Nunca, no transcurso da história, houve tantas violações ao princípio da soberania nacional, à segurança internacional, aos direitos dos povos, como agora.”

O sistema de dominação prevalecente tornou-se a tal ponto insano e criminoso, que ameaça a própria sobrevivência da humanidade. E em nome de quê? Em nome da manutenção de um sistema insustentável, como disse o companheiro Fidel Castro.

O mundo é cada vez mais inseguro. Além da doutrina e da prática genocidas da guerra permanente e das guerras preventivas dos EUA, é crescente a militarização do planeta. O imperialismo subtrai investimentos sociais, destinando cada vez maiores recursos para financiar as suas aventuras bélicas, dissemina bases militares e promove uma escalada nuclear.

Em estudo feito recentemente por dois estadunidenses ilustres – Josef Stiglitz e Linda Bilmes – assinala-se que os Estados Unidos já gastaram seis trilhões de dólares com a guerra ao Iraque. Todos os meses os Estados Unidos desembolsam 16 bilhões de dólares em custos correntes para as guerras do Iraque e do Afeganistão, além dos 439 bilhões de dólares do orçamento do Departamento de Defesa. Enquanto isso, bilhões de seres humanos vivem em condições da mais extrema miséria. Certamente que com essas colossais somas que financiam a guerra seria possível investir no combate às chagas sociais em todo o mundo e na própria sociedade norte-americana, onde é cada vez maior o fosso entre ricos e pobres. É por estas razões que entendemos que a luta pela paz é indissociável da luta pela eliminação da pobreza e da miséria, da luta para promover o desenvolvimento econômico e social, a justiça e o progresso social.

“Entendemos que a luta pela paz é indissociável da luta pela eliminação da pobreza e da miséria, da luta para promover o desenvolvimento econômico e social, a justiça e o progresso social.”

No fundo, a conquista da paz está relacionada com o advento de um superior ordenamento da sociedade.

Estamos convictos de que a conquista da paz é inseparável da luta contra a ordem política e econômica injusta vigente em nossa época. A cooperação internacional e o entendimento entre as nações serão possíveis somente quando for quebrado o monopólio do poder político exercido pelos Estados Unidos e extinto o unilateralismo nas relações internacionais. Isto pressupõe o exercício da soberania e de plenos direitos por todas as nações, a superação das relações de dominação e escravização das nações mais débeis pelos potentados internacionais.

A conquista da paz será principalmente o resultado da conquista de avanços sociais para toda a humanidade. Não haverá paz sem desenvolvimento e justiça social, sem a eliminação da pobreza e da miséria, sem a distribuição e fruição equitativa da riqueza, sem a superação do imenso abismo social entre ricos e pobres.

A atual doutrina que rege as ações do imperialismo estadunidense acarretou graves impasses políticos no sistema internacional. Primeiramente, tornou o mundo mais inseguro, violento e antidemocrático. Ao proclamar a guerra permanente e as guerras preventivas para supostamente combater o terrorismo, o imperialismo estadunidense elegeu como principais instrumentos para fazer valer os seus interesses o terrorismo de estado, a militarização do planeta e as guerras de agressão.

Companheiras e companheiros, a missão do Conselho Mundial da Paz é precisamente contribuir com suas lutas e campanhas para inverter esta tendência nefasta. E ajudar as forças políticas e sociais a marcharem no compasso da época atual, o que significa abrir caminho para dar livre curso à tendência que afinal prevalecerá que é a construção de um mundo de paz e prosperidade para toda a humanidade. Apostamos na vocação libertadora do ser humano, na evolução da espécie, no progresso do mundo.

A Assembleia de Caracas do Conselho Mundial da Paz nos deu elementos de convicção e otimismo histórico, pois passando em revista o quadro internacional, os informes das organizações nacionais e das instâncias regionais aqui reunidas, percebemos que muito embora o imperialismo estadunidense seja inexcedível na perpetração de tropelias e crimes de lesa-humanidade, não é invencível e pode ser derrotado.

Em todo o mundo, a partir da nossa América rebelde, despertam os sinais de um novo tempo, com a ampliação e intensificação das lutas libertado-

ras e a constituição de governos democráticos, progressistas e revolucionários. Pela primeira vez em sua história de quase 60 anos, a Assembleia do Conselho Mundial da Paz realiza-se em território latino-americano. Neste Continente, outrora submisso ao imperialismo estadunidense, hoje um continente rebelde, desenvolvem-se, em rito intenso, amplas e profundas mudanças políticas. Desde o extremo sul, no Uruguai e Argentina, passando pelo Brasil liderado pelo Presidente Lula, a região andina – onde Bolívia, Equador e Venezuela transformaram-se em trincheiras avançadas do anti-imperialismo – até a América Central e o Caribe, criou-se um ambiente propício à defesa da paz, da soberania nacional e do desenvolvimento com justiça social. Condenamos energicamente os intentos do imperialismo norte-americano de trazer para o nosso Continente as idéias e a prática nefastas da guerra permanente e da guerra preventiva. Irmanados a Cuba, profundamente engajados na luta pela libertação de seus cinco heróis presos nos cárceres do Império, e à Venezuela Bolivariana, onde seu bravo povo esforça-se por construir novo sistema político e social, proclamamos que a América Latina é e continuará sendo um território de paz, da solidariedade e da fraternidade entre os povos. Desejamos que a Colômbia, de tantas tradições combativas, supere o momento tenebroso em que vive, refém de oligarquias retrógradas, do terrorismo de Estado e das ingerências dos Estados Unidos e avance para a conquista da paz democrática e justa.

No Oriente Médio, a estratégia norte-americana fracassa rotundamente, mercê do heroísmo e da resistência dos povos do Iraque, Afeganistão, Líbano, Palestina, Irã e Síria. As resoluções da Assembleia Mundial do Conselho Mundial da Paz reforçam as nossas convicções para lutar contra as guerras insanas e criminosas do Império, como as que o imperialismo estadunidense e seus aliados desenvolvem no Iraque e no Afeganistão. A guerra contra o Iraque, feita em nome de mentiras para assegurar os interesses estratégicos dos Estados Unidos de assumir o pleno controle do Oriente Médio, é um dos maiores genocídios já consumados contra a humanidade.

Desde o coração da América Latina, o Conselho Mundial da Paz reitera a exigência de imediata retirada das tropas de ocupação do Iraque e do Afeganistão e repudia as ameaças de agressão à Síria e ao Irã. Expressamos a nossa mais sentida solidariedade e o nosso indeclinável compromisso com a luta do povo mártir da Palestina contra os massacres perpetrados por Israel e pela conquista do seu Estado nacional independente, e com o heróico povo libanês por sua unidade e pela reconstrução do seu país.

Nossa saudação aos povos da Ásia, onde se fortalecem modelos alternativos de desenvolvimento com o advento da China como força econômica e política emergente no cenário internacional; com a luta pela desnuclearização da Península Coreana e contra a imposição ao Japão de uma aliança militar com os Estados Unidos. Na Índia, o grande povo daquele país condena o acordo nuclear com os Estados Unidos. No continente europeu, cresce o clamor contra as armas nucleares, as aventuras bélicas da Otan e a instalação do escudo antimísseis. Na África, multiplicam-se os movimentos para vencer o atraso, o subdesenvolvimento e superar as chagas abertas pelo colonialismo e o neocolonialismo.

É um quadro novo, em ebulição que se desenvolve em meio à manifestação dos sinais de decadência e insustentabilidade da economia parasitária estadunidense. Temos agora redobrada convicção de que em contraste com o período de trevas imposto à humanidade pelas políticas do imperialismo estadunidense, encontramos-nos no limiar de uma nova primavera dos povos.

Temos, pois, companheiras e companheiros, razões para apostar na possibilidade de crescimento e desenvolvimento da atividade do CMP. O CMP pode e deve converter-se num pólo aglutinador de forças sociais e políticas progressistas e numa destacada força da luta anti-imperialista.

Saímos desta Assembleia com a convicção de que o CMP pode desempenhar destacado papel nesse movimento e tornar-se uma força propulsora da denúncia, da contestação, da resistência e da luta contra a militarização do mundo e a guerra imperialista.

“Saímos desta Assembleia com a convicção de que o CMP pode desempenhar destacado papel nesse movimento e tornar-se uma força propulsora da denúncia, da contestação, da resistência e da luta contra a militarização do mundo e a guerra imperialista.”

Ao fortalecer nossas convicções, a Assembleia do CMP e a Conferência que agora inauguramos nos mostram também que é possível avançar no trabalho do CMP com iniciativas audaciosas, imprimir em nossas ações caráter de massas e de trabalho unitário com todos os que estejam imbuídos de que é necessário derrotar o imperialismo e suas políticas de guerra. É possível unir amplas forças na luta contra as bases militares, contra as armas nucleares, pela retirada imediata das tropas de ocupação e em solidariedade a todos os povos agredidos pelo imperialismo.

Companheiras e companheiros, fortalecidos pelo êxito de nossa Assembleia, os lutadores do movimento pela paz proclamamos a inauguração de uma nova época na luta da humanidade por seus anseios de paz, justiça

social, soberania dos povos e nações, desenvolvimento e progresso social. A Assembleia do Conselho Mundial da Paz, coroada de êxito na realização dos seus objetivos, é acontecimento histórico de enorme transcendência. A sua influência será duradoura.

Deixamos Caracas, que nos acolheu com tanto carinho e numa atmosfera de combate anti-imperialista, profundamente convencidos de que o Conselho Mundial da Paz é uma organização indispensável para os destinos dos povos. Por isso o seu fortalecimento é uma exigência de nossa época. É nesse esforço que estarei e estaremos todos empenhados.

Viva a luta pela paz, contra a guerra imperialista!

Viva a solidariedade entre os povos!

Viva o Conselho Mundial da Paz!

Viva o bravo povo bolivariano!

Muito obrigada.

**SOCORRO GOMES** nasceu na pequena cidade brasileira de Cristalândia, na região Norte do País. Aos 16 anos, no histórico 1968, quando no Brasil irrompia poderoso movimento estudantil contra a ditadura militar, ela participou das ações de rua, enfrentando os contingentes policiais, e de inúmeras manifestações exigindo o retorno das liberdades democráticas e direitos para o povo. Viveu a década de 1970 na clandestinidade, perseguida pela ditadura militar. Além do movimento estudantil, atuou no operariado e no movimento camponês, onde fez sua formação política em contato direto com os setores mais oprimidos da sociedade solidificando convicções e adquirindo experiência na luta pela reforma agrária e os direitos do povo pobre do interior brasileiro.

Em 1979 transfere-se para Belém, capital do Estado do Pará, onde se liga às camadas mais pobres e se afirma como liderança dos movimentos populares urbanos, tornando-se secretária executiva do Conselho da Mulher e presidenta da Federação Estadual das Associações de Moradores. Em 1988 é a candidata mais votada, eleita vereadora de Belém. Por dois anos atua na Câmara Municipal como representante das mulheres e dos movimentos populares. Em 1990 foi eleita deputada federal, a mais votada no Estado até então.

Socorro Gomes exerceu seus mandatos de deputada federal liderando importantes campanhas contra a violência no campo, pela reforma agrária, contra o trabalho escravo, em defesa da Amazônia, contra as privatizações de empresas nacionais estratégicas, pelos direitos das mulheres e pelos direitos humanos.

Com a eleição da Governadora Ana Júlia, Socorro Gomes foi convidada a assumir a Secretaria de Justiça e Direitos Humanos, onde prossegue a luta contra as injustiças sociais e pela promoção de direitos para o povo. Como militante dos movimentos sociais, Socorro Gomes participou ativamente das lutas contra a agressão estadunidense ao Iraque e fundou em 2003 o CEBRAPAZ – Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz. À frente desse movimento percorreu o País denunciando as guerras desencadeadas pelo imperialismo norte-americano e solidarizando-se com os povos agredidos. É uma dirigente política e social ativa na solidariedade à Revolução Cubana, à Revolução Bolivariana da Venezuela e a todos os processos de caráter democrático e popular em curso na América Latina.

## **Mensagem do Governador do Paraná, Roberto Requião, aos participantes da Conferência Mundial da Paz**

---

Companheiras e companheiros, registro nesta mensagem da Conferência Mundial da Paz a certeza de que novos tempos descortinam-se na América Latina. Que este encontro ressoe por todo o continente. Que este congresso seja a reunião inaugural de um novo tempo para a cultura da paz.

Lutemos, avancemos, que não temos nada a perder a não ser as amarras que nos mantêm atados ao subdesenvolvimento, à desesperança, à margem da vida.

Tenho a convicção de que as condições para o rompimento com as políticas neoliberais que escravizam, que submetem, que desgraçam o nosso continente e os povos do mundo todo amadurecem a cada dia.

Por outro lado, é importante reafirmar o que os organismos das Nações Unidas, como a Unesco, proclamam: não pode haver paz sem desenvolvimento, sem a eliminação da pobreza e da miséria. Não pode haver paz sem uma educação que forme cidadãos para a vida. Não pode haver paz sem uma distribuição equitativa dos recursos do planeta, sem distribuição de renda e de riquezas, sem a garantia de condições mínimas de acesso à cidadania plena, e sem a eliminação do enorme abismo social que separa os ricos e pobres no mundo.

Hoje, estamos vivendo um momento muito favorável para as lutas dos povos e nações da América Latina, pela conquista da soberania, pelos avanços sociais e também pelo aprofundamento de uma verdadeira democracia.

Se, por um lado, o império prossegue na sua política de tentar manter a América Latina como se fosse o seu quintal, por outro lado, é inegável que houve um ascenso das lutas democráticas, das lutas sociais e das conquistas políticas.

Se, hoje temos um conjunto de governos que são anti-imperialistas, a existência desses governos é resultado das lutas sociais, das lutas pela soberania.

Se antes, o encargo de desenvolver a luta anti-imperialista era apenas dos povos e das correntes políticas que os representam, nomeadamente as forças de esquerda, as forças patrióticas, hoje essas forças ganharam aliados importantes nos governos eleitos por toda a América Latina.

Antes, tínhamos governos vassalos, governos lacaios do imperialismo. Hoje temos governos anti-imperialistas. As contribuições atuais desses governos ao desenvolvimento, pela paz, e para o desenlace dessa luta são decisivas.

Hoje, os projetos desenvolvimentistas e de integração continental do Brasil, da Venezuela, do Equador, do Uruguai, da Bolívia, da Argentina e do Chile potencializam muito a luta pela paz que, para nós, no atual contexto, significa integração e soberania.

É muito difícil exercer a paz, a soberania e ao mesmo tempo trilhar a via do desenvolvimento que não seja por meio de um projeto integrado do ponto de vista continental.

Ainda temos uma outra questão na luta pela paz.

Não podemos e não nos cabe ser ingênuos. Como vamos lutar pela paz se um país, como os Estados Unidos, gastou até agora US\$6 trilhões com a guerra do Iraque?

Esses valores, essa assombrosa e vergonhosa quantia não foi calculada, levantada, por alguma organização de esquerda da Venezuela ou de um país do nosso continente.

É um estudo de dois norte-americanos, Joseph Stiglitz e Linda Bilmes – ex-consultores do Governo Bill Clinton. Eles deram-se ao trabalho de calcular o quanto custou até agora a guerra do Iraque.

Se com US\$1 trilhão, conforme constata o estudo, seria possível contratar mais 15 milhões de professores, garantir assistência para 530 milhões de crianças e financiar as bolsas de 43 milhões de estudantes, imaginem o que os Estados Unidos poderiam ter feito com US\$6 trilhões?

Certamente poderiam acabar com a fome do planeta. Ou como escreveu o professor Michael Krätke, em excelente artigo sobre essa questão, teriam podido fazer o saneamento das urbanizações miseráveis, renovar os arruinados edifícios das escolas de todo o País.

O montante, estimado de modo conservador, destes US\$6 trilhões equivale aproximadamente ao valor de todas as reservas de ouro e divisas do mundo. Todos os meses, os EUA precisam desembolsar mais de US\$16 bilhões em custos correntes para as guerras do Iraque e do Afeganistão, além dos US\$439 bilhões de dólares do orçamento de defesa.

No ano passado, enquanto o Presidente Bush solicitava US\$200 bilhões adicionais para sua guerra, ele vetava a aprovação pelo Congresso de um gasto de US\$20 bilhões destinados ao saneamento e restauração de escolas públicas.

É essa questão que está em jogo e temos, de saber como enfrentá-la sem submissão ou covardia. As guerras patrocinadas pela indústria bélica multiplicaram-se. Com uma característica especial: a maioria se desenvolve principalmente no interior dos países, entre grupos sociais, culturais, religiosos, étnicos.

As formas de violência se multiplicaram. Além disso, hoje podemos falar também das guerras surdas da fome, da exclusão, da pobreza, do narcotráfico, da intolerância racial, da marginalização e do preconceito. Estas guerras não matam menos nem criam melhores condições para se construir a paz.

É frequente também a afirmação de que paz é ausência de conflito. Se nos colocamos nesta perspectiva, idealizamos a paz, pois o conflito é inerente à vida humana. Não há crescimento pessoal sem que passemos por momentos de crise e conflito.

Também no plano social, o conflito é parte da dinâmica de relações e confronto de interesses. Numa sociedade pluralista, o reconhecimento da diferença, em suas diversas configurações, passa por processos de confronto social, sem os quais é impossível que o reconhecimento e a conquista de direitos se deem.

Nesta perspectiva, a construção da paz exige uma postura ativa. Não pode ser reduzida a uma cidadania passiva, se é possível chamá-la de cidadania, que se limite aos aspectos formais dos ritos democráticos. Construir a paz supõe ação, respeito pelos direitos humanos, luta não violenta contra tudo que desconhece a dignidade humana, afirmação do Estado de direito, articulação entre políticas de igualdade e de identidade, entre igualdade social e diferença cultural.

Certamente as resoluções desta Conferência de Caracas serão um passo decisivo para completar o processo de integração política, cultural, econômica, física e trabalhista em nosso continente. Todo esse processo

pressupõe a paz, pressupõe o entendimento, a cooperação internacional, a harmonia entre os países.

Para finalizar, quero convidá-los para o Fórum Social do Mercosul, que será realizado entre os dias 26 e 28 de abril na cidade de Curitiba – capital do Estado do Paraná.

Quero ressaltar que o Paraná, fronteira com a Argentina e o Paraguai, nessa tríplice fronteira que tantas preocupações causa ao império, está vocacionado para a integração e para a paz. Temos procurado manter com os nossos vizinhos uma política de aproximação de interesses.

No primeiro quadriênio de meu governo promovemos inúmeras missões a países latino-americanos. E recebemos dezenas de outras missões. Buscamos sempre demonstrar que é possível sustentar o desenvolvimento econômico em nossas próprias forças, em uma relação de respeito, de igualdade e solidariedade. Que os nossos interesses se completam, que a competição predatória e a disputa desleal podem ser substituídas pela solidariedade entre os povos.

No plano interno, temos buscado no Paraná a prática de políticas públicas que se contraponham aos preceitos e preconceitos neoliberais. Desprivatizamos a empresa de água e saneamento, recuperamos a empresa de energia, que pretendiam também privatizar, retomamos a iniciativa estatal na educação, na saúde, na infraestrutura. Colocamos em execução uma política tributária e fiscal de vigoroso apoio às micro e pequenas empresas. Estimulamos fortemente a geração de novos empregos, de tal forma que o Paraná é hoje o estado brasileiro que, proporcionalmente, mais cria novas vagas de trabalho no País. E iniciamos um fantástico plano de apoio à pequena agricultura, à agricultura familiar.

No Paraná, quando o interesse público está em jogo, não temos medo de romper contratos, de retomar empresas públicas. Não temos medo das agências internacionais ou dos sabujos nacionais que fixam as notas do “risco Brasil” ou que classificam um novo risco, o “risco Requião”.

Pouco se nos dá o temor dos neoliberais. Antes de tudo, acima de tudo, a nossa gente.

Com todas as dificuldades que enfrentamos, com as limitações que são impostas pela política econômica nacional, com a oposição impiedosa da grande mídia, com tudo isso, apesar disso, temos avançado.

Estamos demonstrando que é possível sim um outro caminho. Que a construção de uma sociedade justa, desenvolvida, fraterna e solidária é possível.

Para uma cultura de paz, temos de ter o comprometimento de promover e vivenciar o respeito à vida e dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito, rejeitando qualquer forma de violência. Temos de compartilhar tempo e recursos com generosidade a fim de eliminar a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica. Temos de desenvolver a liberdade de expressão e a diversidade cultural pelo diálogo e compreensão do pluralismo. Temos de manter um consumo responsável, respeitando todas as formas de vida e contribuindo para o desenvolvimento da cidade, do estado, do país, do continente e do planeta.

Uma boa conferência a todos e os esperamos nos próximos dias no Fórum Social do Mercosul em Curitiba.

**Roberto Requião**  
Governador do Paraná

## **Declaração Final da Assembleia do Conselho Mundial da Paz**

---

Caracas, 9-10 de abril de 2008

Membros do Comitê Executivo do CMP, a Assembleia do Conselho Mundial da Paz foi celebrada com êxito nos dias 9 e 10 de abril de 2008 em Caracas, Venezuela, com a participação de 265 delegados e 285 participantes de 124 organizações de 76 países. Com um debate muito rico e frutífero, os participantes da Assembleia concluíram a seguinte declaração dedicada aos povos do mundo:

Os acontecimentos ocorridos desde a última Assembleia do CMP em maio de 2004 criaram uma situação que é crucial para a humanidade, uma situação marcada pela intensidade crescente da agressividade na estratégia mundial dos EUA, que se empenham em impor e consolidar uma nova ordem mundial de guerra e opressão. A humanidade como um todo enfrenta a agressividade acelerada das políticas imperialistas. Seu esforço direcionado a financiar sua dominação vem acompanhado por uma exacerbação, pelo incremento das rivalidades pelos mercados, pela energia, pelos recursos estratégicos e pelo domínio geopolítico e geoestratégico. A situação se agrava particularmente nas regiões de importância estratégica para o controle econômico e geopolítico, como os Bálcãs, Eurásia e África.

Mas, por outro lado, certos acontecimentos em diferentes países do mundo ajudam a criar mais obstáculos para o imperialismo, os quais implicam um crescente isolamento político como resultado de atos arbitrários e unilaterais, e de violação dos direitos humanos e dos povos. A resistência contra o imperialismo, assim como acontece na América Latina ou no Oriente Médio, é a esperança dos povos de alcançar um mundo justo e pacífico. O CMP luta por relações políticas mais equitativas entre as nações, sem ameaças militares e nem dominação imperialista, e pelo estabelecimento

de uma ordem mundial de paz e justiça baseada nos princípios pacíficos da Carta das Nações Unidas.

Hoje, o imperialismo dirigido pelos EUA ameaça a soberania nacional e a integridade territorial de todos os países. Quase todas as recentes intervenções imperialistas em todas as regiões têm resultado em divisões de países e na separação dos povos pela guerra e pelo sangue. A política unilateral presente na declaração de independência de Kosovo é o exemplo dramático mais recente do imperialismo, o de “dividir para reinar”. As ideias e os movimentos separatistas são apoiados e manipulados pelo imperialismo. Os chamados “Estados independentes”, formados pela divisão de estados preexistentes, destinam-se a ser apenas protetorados, que servem de base para as atividades imperialistas. Portanto, é importante que o movimento mundial da paz assuma uma posição firme contra essa política do imperialismo de “dividir para reinar”, e que se dê maior ênfase aos conceitos de soberania nacional e de integridade territorial dos Estados.

Outra ameaça à paz mundial e aos valores humanitários atualmente é o fortalecimento de ideologias reacionárias, fundamentalistas, conservadoras e racistas em todo o mundo; essa é uma tendência que facilita o domínio dos capitalistas e dos imperialistas. O CMP e o movimento mundial pela paz devem fortalecer também a ação contra as ideias reacionárias e o racismo, além de promover ideologias progressistas e humanitárias.

A dominação da nova ordem mundial imperialista está piorando a situação econômica dos trabalhadores e dos povos em geral, tanto nos países desenvolvidos como nos países em vias de desenvolvimento. A promoção das políticas capitalistas de reestruturação e as políticas neoliberais, como a eliminação da renda dos trabalhadores e a aplicação de formas flexíveis de emprego, a abolição dos convênios laborais e as privatizações generalizadas em todos os setores, estão provocando o aumento da pobreza, o desemprego, a fome e a miséria. Aumentam os problemas sociais e as tensões. Cresce o descontentamento, e os trabalhadores lideram lutas às quais o movimento pela paz pode e deve se unir. O CMP denuncia o crescimento do gasto militar, cuja responsabilidade recai, em primeiro lugar, sobre os EUA. O CMP exige cortes substanciais nos gastos militares e a resignação dos recursos para os gastos sociais, incluindo o de bem-estar social, educação e habitação.

As relações internacionais estão sendo cada vez mais militarizadas. A União Europeia está assumindo posições agressivas com maior frequência em suas relações internacionais, tanto em relação à solução de conflitos latentes e emergentes, quanto às guerras prolongadas e contínuas. A cumplicidade da

União Europeia com a Otan, uma aliança agressiva com jurisdição mundial autoproclamada, não apenas representa um perigo à paz mundial, como também constitui uma política perigosa e autodestrutiva aos povos da Europa. A organização terrorista Otan continua sendo uma das maiores ameaças para os povos do mundo. Onde a Otan intervém, os princípios básicos do Direito Internacional e da Carta das Nações Unidas são violados flagrantemente. A Iugoslávia foi um território de aplicação da nova doutrina da Otan; agora, as tropas da Otan levam a cabo a ocupação do Afeganistão. A expansão da Otan representa uma ameaça para todo o mundo. Dentro deste contexto, o CMP saúda o povo da Ucrânia, que se opõe, em sua maioria, que seu país seja membro da Otan, e exige que se tomem medidas imediatas para efetuar o desmantelamento da mesma.

O CMP expressa sua solidariedade com os crescentes movimentos pela abolição das bases militares estrangeiras e de qualquer instrumento de guerra e agressão.

O conceito de “guerra contra o terror”, entre outros, é utilizado pelos imperialistas para limitar o direito democrático dos povos, especialmente nos países europeus e norte-americanos. Atualmente, o autoritarismo, a vigilância policial e a ofensiva contra as liberdades e os direitos democráticos estão aumentando, com sangrentos ataques por parte da polícia e de outras forças repressivas. A CIA exerce atividades como sequestros ilegais e o encarceramento de centenas de cidadãos inocentes, assim como utiliza aeroportos europeus para seu transporte, tudo isso levado a cabo com o consentimento dos governos europeus, com o evidente consentimento oficial. Está sendo instalado um monstruoso sistema de vigilância, que utiliza desde câmeras para espiar todas as atividades das pessoas até a criação de banco de dados, incluindo arquivos de ADN.

Ao mesmo tempo, cresce a ofensiva ideológica e se fomenta a falsificação da história para se justificar os crimes do imperialismo. Qualquer país que não se submeta é considerado como antidemocrático pelo imperialismo, e qualquer pessoa que resista é considerada terrorista. Estratégias são executadas a fim de se trazer o fascismo de volta à Europa. Caluniam os movimentos progressistas para envenenar a mente da geração mais jovem. Junto com os movimentos populares, o CMP defende os direitos democráticos, a história do movimento progressista, suas posições e os rios de sangue derramado pelos povos, por liberdade e progresso social. Temos de lutar com todas as nossas forças para evitar que a era obscura ideológica de impulsione o imperialismo consiga consolidar sua dominação.

Por outro lado, este é o sétimo ano da ocupação do Afeganistão, e o quinto da ocupação do Iraque. Não obstante, a força dos EUA foi contida no Iraque; os planos dos EUA foram desarticulados e, conseqüentemente, impediu-se a realização de novas agressões. Essa é uma importante conquista para a humanidade. O CMP expressa sua solidariedade para com o povo iraquiano e seu direito legítimo de resistir à ocupação. O CMP exige o fim imediato e incondicional da ocupação do Iraque, a retirada imediata de todas as tropas estrangeiras no país e a indenização de todas as perdas do povo iraquiano.

Os povos do mundo, todavia, enfrentam a ameaça de guerra nuclear, representada pela política dos EUA de ataque nuclear preventivo. A chamada crise nuclear norte-coreana também tem estabelecido claramente a natureza discriminatória do regime do Tratado de Não Proliferação. Com o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de tecnologias nucleares e sistemas de lançamento pelo imperialismo, a possibilidade de estabelecer Zonas Livres de Armas Nucleares tem se tornado completamente redundante. A eliminação das armas nucleares é uma tarefa urgente para toda a humanidade. Hoje, cresce em todo o mundo a campanha pela abolição das armas nucleares. O CMP exige que todos os países que possuem armas nucleares tomem medidas concretas para abolir seu arsenal nuclear, considerando a Conferência de Revisão do Tratado de Não Proliferação, que será realizada em 2010. Além disso, o CMP demanda a realização de ações que promovam um desarmamento geral em todo o mundo.

O Governo dos EUA aplica o conceito de “dois pesos e duas medidas” em relação às armas nucleares, a fim de legitimar a agressão contra o Irã, porém, o suposto programa de armas do Irã tem sido completamente exposto pelas mais recentes estimativas das agências oficiais de inteligência dos EUA. O CMP exige que se considere primeiro o arsenal nuclear dos EUA e de Israel, e que se tomem medidas contra a ameaça nuclear que esses países causam à humanidade. O Oriente Médio deve se tornar uma Zona Livre de Armas Nucleares com a eliminação do arsenal nuclear de Israel.

O CMP condena a atitude agressiva dos países imperialistas, principalmente a que os EUA executava contra o Irã e a Síria, e chama todas as organizações e pessoas amantes da paz a ficarem alertas diante de um provável ataque contra esses países. O CMP apoia o movimento do povo iraniano contra a guerra e as ameaças militares dos EUA, da UE e de Israel. Declara sua solidariedade com a luta das forças progressistas iranianas pela paz, a democracia e a justiça social. O CMP exige que se eliminem as sanções eco-

nômicas contra o Irã, e que libertem da ocupação a região do Alto de Golan, da Síria, e as granjas Shabaa, do Líbano, atualmente ocupadas por Israel.

Os recentes ataques israelenses contra civis na Faixa de Gaza demonstram, mais uma vez, que o massacre continuado do povo palestino persiste. A expansão israelense em terras palestinas deve ser interrompida imediatamente. Os assentamentos ilegais, frutos da ocupação de trechos de terra palestina, devem ser desmantelados. O muro de separação deve ser demolido. O CMP saúda a luta do povo palestino contra a opressão israelense e reafirma que a única solução justa e possível ao problema é o estabelecimento de um Estado palestino independente, conforme os limites determinados em 1967, e com Jerusalém Oriental como sua capital. A solução do problema dos refugiados e o retorno dos refugiados palestinos devem consistir na Resolução nº 194, da Assembleia da ONU, e em conformidade com as resoluções pertinentes do Conselho de Segurança da ONU. Os prisioneiros palestinos e outros prisioneiros árabes encarcerados em prisões israelenses devem ser libertados. O governo israelense deve ratificar a convenção de armas químicas e deve cumprir o Tratado Internacional de Inspeção Atômica.

É preciso organizar uma missão de investigação para se recolher informações na Palestina acerca da nova onda de atos agressivos contra civis e o uso de urânio empobrecido. O CMP incita todos os governos a darem por terminados todos os vínculos militares e de segurança que tenham com Israel.

A intervenção militar em curso dos EUA e da Otan no Afeganistão é um esforço deliberado de apropriar-se das rotas-chave entre a Ásia do Sul, Central e Ocidental. O CMP exige a retirada de todas as tropas estrangeiras, assim como a devolução da soberania ao povo desse país.

A situação no sul da Ásia se agrava com o crescimento e a intensificação do fundamentalismo religioso e os contínuos conflitos étnicos. Na maioria dos casos, além dos fatores internos específicos, a situação é exacerbada pela intervenção direta e indireta do imperialismo. A contínua presença de forças da Otan no Afeganistão amedronta os povos de determinadas regiões do Paquistão, particularmente na fronteira com o Afeganistão. O crescimento de forças fundamentalistas, por sua vez, e o contínuo apoio dos EUA à presidência do Paquistão, protegida pelo Exército, levou ao trágico assassinato de Benazir Bhutto. Também em Bangladesh, um governo apoiado pelo exército e respaldado pelos EUA e por outras potências imperialistas, busca estender a demanda de eleições democráticas. No Sri Lanka, os conflitos étnicos requerem uma pronta solução política. O CMP expressa sua solidariedade aos

povos da Ásia do Sul, marcados por intensa pobreza, fome, analfabetismo, desemprego, e em cuja área se desenvolvem maquinações imperialistas para desviar a atenção através desses conflitos e debilitar as justas demandas de paz, unidade e desenvolvimento. Também saudamos os avanços da luta do povo do Nepal pelo estabelecimento da democracia, e o esforço pela libertação dos prisioneiros políticos na Birmânia, principalmente em Ang Sung Kyi.

Está em curso um perigoso realinhamento das forças dos EUA na Ásia, incluindo o Japão, em conjunto com Okinawa e a República da Coreia, com o objetivo de globalizar a política estadunidense de guerra preventiva. No mesmo sentido, os EUA tentam fazer com que seus aliados na Ásia e no Pacífico trabalhem com a Otan. O CMP expressa seu apoio e solidariedade ao movimento contra este plano de governo dos EUA, e pela retirada de todas as bases dos EUA desses territórios. O CMP expressa sua solidariedade com o movimento japonês em defesa do artigo 9 da Constituição desse país, que renuncia à guerra e proíbe a nação de possuir forças militares.

O CMP expressa seu pleno apoio ao povo vietnamita pelo sofrimento contínuo de mais de um milhão de vítimas da toxina do “Agente Laranja”, utilizado pelos EUA durante sua guerra suicida contra o Vietnã. O CMP convoca todos os membros e amigos do CMP a se unirem ativamente em uma campanha internacional pela indenização das vítimas e pela proibição total de todas as armas químicas.

O CMP expressa seu apoio ao direito do povo da República Popular da China de determinar seus próprios assuntos internos sem interferência estrangeira, e rechaça qualquer utilização dos Jogos Olímpicos para fins políticos.

O CMP, ao celebrar sua Assembleia na América Latina, valoriza a nova realidade política na região, que é um crescente bastião de resistência contra o imperialismo no mundo atual. Depois de poderosas lutas sociais e políticas contra o neoliberalismo, os povos infligiram derrotas significativas ao imperialismo. Tais ações têm por objetivo buscar caminhos próprios e soberanos para as nações e povos sul-americanos, e confrontar a hegemonia imperialista na região. Valorizamos especialmente as experiências de Cuba, Venezuela, Equador, Bolívia e de outros países, que enfrentam as ameaças abertas e as intimidações do imperialismo.

Valorizamos ainda o progresso dos diferentes processos de integração regional complementares, como a Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA), a União Sul-Americana das Nações (UNASUL) e o Mercosul, e tam-

bém declaramos nosso apoio à imediata incorporação plena da Venezuela ao Mercosul. Aplaudimos a derrota da proposta anexionista do Tratado de Livre Comércio das Américas (TLC).

O CMP condena os atos das forças reacionárias da oligarquia local de colaboração com os EUA e seus aliados na região e na Europa, destinados a derrotar a Revolução Bolivariana da Venezuela. O CMP também condena as intenções separatistas da oligarquia na Bolívia. Apoiamos os esforços para construir uma sociedade de justiça, paz e solidariedade, de acordo com os desejos dos povos.

O CMP condena os recentes ataques da Colômbia no Equador, que são explicitamente a nova fase do Plano Colômbia, e que representam os esforços por impor à região a estratégia de guerra preventiva do imperialismo dos EUA. O CMP denuncia o assassinato dos líderes e negociadores das Farc. O CMP felicita os líderes da Venezuela e do Equador por resolverem a tensão pacificamente. O “Intercâmbio Humanitário”, proposto por Hugo Chávez, deve ser posto em prática.

O CMP condena a existência de bases estrangeiras ao longo de toda a América Latina, incluindo a de Honduras (centros operacionais avançados) e a Escola das Américas em El Salvador, um país que tem sido obrigado a enviar tropas ao Iraque. Também declaramos nosso apoio à decisão soberana do Presidente Rafael Correa, do Equador, de fechar a base dos EUA em Manta, em 2009.

O CMP expressa seu apoio ao povo da Guaiana Francesa por seu direito à livre determinação. Assim como exige a descolonização de todos os territórios no Caribe.

O CMP expressa seu profundo respeito e solidariedade ao povo cubano, que defende sua revolução continuamente contra todo tipo de manipulação e assédio. O CMP reitera suas demandas em relação ao levantamento do bloqueio dos EUA contra Cuba, e pela liberação dos cinco prisioneiros políticos cubanos, encarcerados ilegalmente nos EUA.

O CMP denuncia a nova escalada no desenvolvimento do “tabuleiro de xadrez imperialista” nos Bálcãs, com a declaração unilateral e separatista de “independência” de Kosovo. Esse é um novo ato de violação flagrante da soberania da Sérvia como um Estado independente, do Direito Internacional e das resoluções pertinentes da ONU. O CMP expressa sua solidariedade com os povos da ex-Iugoslávia, e chama as forças amantes da paz dessa região a se unirem e a coordenarem ações comuns contra os planos imperialistas.

O CMP expressa seu apoio e solidariedade aos povos da Polônia e da República Checa, que rechaçam a dispersão de bases estadunidenses do “Escudo de Defesa Antimísseis” em seus países. Os EUA usam como pretexto para seus planos de construir bases militares o sistema de defesa antimísseis, tanto na República Checa como na Polônia, e até na inexistente ameaça nuclear do Irã. Seu objetivo é, na verdade, obter os recursos para desferir o primeiro golpe, sem medo de um contragolpe. Esta política dos EUA de construir um sistema de defesa antimísseis tem de ser detida.

O CMP expressa sua solidariedade com o povo cipriota por uma federação unificada, independente, bizonal e bicomunal, de acordo com as resoluções da ONU e os diálogos de alto nível, e sem bases nem tropas estrangeiras; uma pátria comum a todos os cipriotas turcos e cipriotas gregos, sem “garantidores” e nem “protetores”.

A África é vítima de novas interferências e explorações econômicas e políticas, tanto por seus antigos governantes coloniais como pelos neocoloniais, destinadas a um maior saqueio de seus recursos e, ao mesmo tempo, à distribuição de novos mercados. O CMP denuncia a imposição imperialista de sanções econômicas contra países que não concordam com os desejos dos poderosos, sob o pretexto de falta de democracia e violação dos “direitos humanos”. Dentro deste contexto, exigimos o fim das sanções econômicas dos EUA e da UE contra o povo do Zimbábue, e declaramos nosso apoio a seu direito de decidir sobre sua própria terra e seu futuro.

A presença de numerosas bases militares europeias e o incremento da dispersão de forças militares na África (ou seja, a missão da UE no Chade na República da África Central), são causa de profunda preocupação se levarmos em conta o passado e analisarmos os prováveis acontecimentos futuros nesse continente. O imperialismo costuma interferir na região usando como pretexto os conflitos internos no Sudão. O CMP expressa seu apoio por uma solução sustentável de paz neste país, sem nenhuma intervenção militar estrangeira.

O CMP expressa sua firme solidariedade com os povos da República Árabe Democrática Saharai, por suas décadas de sofrimento e opressão. O Conselho reforça seu apoio à luta pela liberdade do povo saharai e por uma solução política, mutuamente aceitável entre a Frente Polisário e Marrocos.

Diante do desenvolvimento atual das situações conflitivas no continente africano, sobretudo em Darfur e Chade, na República da África Central, no Zimbábue, na República Democrática do Congo e na República Árabe

Democrática Saharai, entre outros, a Assembleia Geral do CMP estimula e apoia todas as ações pela paz e pelo apaziguamento de conflitos realizadas pelos movimentos africanos pela paz, em favor dos povos das nações em conflito.

Diante do desafio colocado pelos esforços imperialistas dos EUA em dominar o mundo junto com seus aliados, nós, os delegados da Assembleia do CMP, expressamos nossa segurança e nossa confiança no futuro da humanidade. Através das lutas massivas e coordenadas de nossos povos poderemos conquistar nossos objetivos. Como certos exemplos de resistência e luta anti-imperialista demonstram claramente, o futuro é luminoso para a humanidade.

A Assembleia convoca todas as organizações e movimentos de nível nacional, regional e internacional, a estarem preparados para trabalhar e lutar em defesa da paz contra os planos imperialistas, para unirmos nossas vozes e ações por um mundo de paz, igualdade, justiça e solidariedade.

## Nota de repúdio à militarização na América do Sul

---

São Paulo, 3 de agosto de 2009

O Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz (CEBRAPAZ), movimento social brasileiro exercendo a presidência do Conselho Mundial da Paz, vem a público repudiar a mais nova onda de militarização na América do Sul, feita por meio do acordo militar entre os Estados Unidos e a Colômbia.

A utilização por parte dos EUA das bases de Palanquero, Apiay, Malambo, Cartagena e Málaga, localizadas em território colombiano, constitui grave ameaça à segurança e à paz em nossa região. Estas novas bases visam transformar a Colômbia em um centro de operações táticas dos EUA na América Latina.

O acordo, que terá duração de 10 anos, permitirá aos norte-americanos ter 1.400 homens, entre civis e militares, na Colômbia e contará com investimentos na casa dos cinco bilhões de dólares. A Colômbia é hoje o quinto país em ordem de grandeza com o qual os EUA têm cooperação militar, ficando atrás somente de Israel, Iraque, Egito e Afeganistão.

Destacamos que à medida que a influência política dos EUA diminui na região, o Comando Sul (SOUTHCOM) desse país, voltado para a América Latina e o Caribe, amplia de forma vertiginosa sua presença no continente, seja com a instalação de bases militares e radares ou de iniciativas de envergadura ainda maior, como a recente reativação da Quarta Frota da Marinha de Guerra dos EUA.

Estas novas bases completam a formação de um verdadeiro cinturão militar no entorno da fronteira com o Brasil. Entre seus reais objetivos estão os de intimidar os processos políticos de transformação que estão em cur-

so, e ainda ganhar posição numa região estratégica e com vastas riquezas naturais.

O Cebrapaz considera positiva a iniciativa dos Presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Michelle Bachellet de convocar para o próximo dia 10 de agosto o Conselho de Defesa Sul-Americano para tratar do tema.

Conclamamos a todas as forças progressistas nacionais e os movimentos sociais para estarem atentos a esta nova escalada militar do imperialismo estadunidense em nossa região.

Conforme deliberação da 2ª Assembleia Nacional do Cebrapaz, realizada no último mês de julho, reafirmamos nossa luta pelo desmantelamento de todas as bases militares estrangeiras no mundo, em especial as que estão situadas em nosso continente.

Repudiamos os intentos de fazer da Colômbia um centro de operações táticas contra os povos e países da região e governos democráticos e anti-imperialistas.

Repudiar a escalada militar estadunidense na Colômbia significa defender a América Latina como uma região de paz.

**Socorro Gomes**, presidente do Cebrapaz

## **Nota de apoio ao retorno do Presidente Manuel Zelaya a Honduras**

---

São Paulo, 23 de setembro de 2009

O Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz – CEBRAPAZ, vem a público respaldar o retorno do Presidente Manuel Zelaya a Honduras. Seu gesto de valentia e bravura abre uma nova etapa na resistência do povo hondurenho pelo fim do golpe e a volta do Presidente a suas funções.

Felicitemos o gesto do governo brasileiro de receber como hóspede o Presidente Manuel Zelaya, ao mesmo tempo exigimos que o governo de fato garanta a integridade física do Presidente legítimo e das pessoas que o acompanham, além de terminar com o cerco que realiza ao redor da Embaixada brasileira.

Solidarizamos-nos com a heroica jornada do povo hondurenho, que se aproxima dos 90 dias de ininterrupta mobilização nas ruas do país, desafiando os toques de recolher e a forte repressão das forças golpistas.

Exigimos o imediato retorno do Presidente Manuel Zelaya a suas funções, sem condições prévias. Demandamos que os golpistas sejam julgados pelos atos criminosos cometidos contra a população, além do fechamento da base militar estadunidense de Soto Cano, que deu suporte para o golpe.

***Por uma América Latina livre de golpes e bases militares estrangeiras.***

***Todo apoio à resistência hondurenha e ao Presidente Zelaya.***

**Cebrapaz**

## Declaração Final da 2ª Assembleia Nacional do Cebrapaz

Rio de Janeiro, 26 de julho de 2009

A 2ª Assembleia Nacional do Cebrapaz, expressando os sentimentos de solidariedade do povo brasileiro, junta-se aos povos de todo o mundo na luta contra as guerras imperialistas, as ocupações de países soberanos, a ofensiva brutal sobre os direitos democráticos e a violação do Direito Internacional. Lutamos pela paz, a libertação nacional e social, a soberania dos povos e nações. Condenamos as potências imperialistas e seus aliados em todos os continentes, cujas políticas criam tensões, conflitos e ameaças à paz e à segurança no mundo.

São graves os antagonismos da ordem internacional. À medida que se evidenciam os sinais de declínio do poder político e econômico do imperialismo norte-americano, mais o sistema internacional tende às disputas por uma redistribuição de poder em escala mundial. A atual crise mundial do capitalismo – grave, profunda, estrutural e duradoura – provoca mudanças na ordem mundial.

Constatamos com otimismo histórico que cresce a resistência anti-imperialista dos povos e das nações, exigindo uma ordem mundial justa e democrática.

Após exacerbar sua agressividade durante o governo Bush, com suas políticas de “guerra infinita” e “ataques preventivos”, que provocaram enorme isolamento do imperialismo norte-americano no mundo, os Estados Unidos, a partir da eleição de Barack Obama, mudam a retórica e a tática, ao tempo em que diversificam as formas de sua atuação.

A nova administração dos EUA, ao mesmo tempo em que alardeia o diálogo, o multilateralismo e o Direito Internacional, empenha-se para afirmar a hegemonia norte-americana e manter sua primazia militar.

Isto ocorre porque os objetivos perenes, essenciais do imperialismo norte-americano de dominar o mundo, permanecem como política do Estado norte-americano, para além do ocupante temporário da Casa Branca.

Atualizando a guerra ao terrorismo, o alvo do momento dos Estados Unidos são o Afeganistão e o Paquistão, para onde, juntamente com a Otan, direcionam suas armas e tropas, espalhando caos, destruição e mortes. O Iraque, a despeito da anunciada “retirada” norte-americana, permanece sob ocupação e continua tutelado pelo império. O povo palestino segue impedido de possuir seu Estado nacional e veem as ameaças se intensificarem com o novo governo de ultradireita em Israel, que expande muros e colônias de assentamentos. Países como o Irã e a Síria também são alvos de ameaças na região.

Em todo o mundo, os Estados Unidos preservam uma ampla rede de mais de oitocentas bases militares, estruturas que são reforçadas com a criação da Quarta Frota na América Latina e da Africom na África – prontas para promover agressões em todas as partes.

Os povos amantes da paz no mundo exigem o fim das guerras e toda tutela sobre nações soberanas, o fim das bases militares estrangeiras e da ostensiva presença armada dos EUA e da Otan no mundo.

Defendemos a abolição de todas as armas nucleares e de destruição em massa e denunciemos a hipocrisia do imperialismo de proibir países em desenvolvimento de possuírem programas nucleares – mesmo com fins pacíficos – , ao tempo em que mantém intactos seus enormes arsenais – que poderiam destruir várias vezes o planeta. São intoleráveis as ameaças de agressão à República Popular Democrática da Coreia.

A 2ª Assembleia Nacional do Cebrapaz ocorre no momento em que há um amplo repúdio internacional contra o golpe de Estado que aconteceu há poucas semanas em Honduras, afastando o Presidente constitucional Manuel Zelaya. Exigimos a imediata e incondicional restituição do cargo ao Presidente Zelaya, deposto por defender democraticamente uma consulta popular para convocar uma Assembleia Constituinte.

O golpe em Honduras, a recriação da Quarta Frota, a instalação de novas bases militares estadunidenses na Colômbia e vários intentos golpistas e secessionistas ocorridos na América Latina nos últimos anos são reações da direita e do imperialismo ao avanço das lutas populares e sociais e a um conjunto de governos democráticos e anti-imperialistas na região.

O Brasil, com suas imensas riquezas, sua posição geopolítica, suas potencialidades e capacidades transformadoras de seu povo, também é alvo

da cobiça e das ameaças imperialistas, num contexto em que o mundo vive o agravamento da crise energética, alimentar, ambiental e de fornecimento de matérias-primas.

Apesar de todas essas ameaças, a América Latina continua sendo um continente rebelde.

Cuba, cuja revolução acaba de cumprir seu cinquentenário, simboliza esta época de mudanças em nossa região que hoje se expressa através da Revolução Bolivariana na Venezuela e de outras experiências democráticas e populares.

A luta pela paz ganha cada vez mais centralidade no mundo. Os povos já não aceitam viver sob ameaças e intervenções nem sob uma ordem internacional injusta, instável e conflitiva.

Nesse sentido, é imperioso fortalecer e seguir estruturando em todo o mundo, a partir do Conselho Mundial da Paz, um amplo movimento pela paz, pela solidariedade, pela libertação nacional e social e pelo inalienável direito à soberania dos povos e nações.

O Cebrapaz, herdeiro da tradição internacionalista do povo brasileiro, busca fortalecer a consciência anti-imperialista em nosso País, tendo em vista que a luta pela soberania nacional, a democracia, o desenvolvimento econômico e o progresso social são partes integrantes do mesmo combate às políticas de guerra de agressão das potências imperialistas.

## **Intervenção na Reunião do Comitê Executivo do Conselho Mundial da Paz**

---

Damasco, Síria, 22 a 25 de outubro de 2009

Queridas companheiras, queridos companheiros. é com grande alegria que instalamos a Reunião do Comitê Executivo do Conselho Mundial da Paz, a primeira desde a memorável Assembléa de Caracas, realizada em abril do ano passado. Muito nos honra que esta reunião tenha lugar em Damasco, capital da República Árabe Síria, auspiciada pelo Conselho Sírio da Paz e contando com o apoio generoso do povo sírio e do seu governo, liderado pelo Presidente Bashar Assad. A Síria destaca-se no mundo árabe como um país que defende firmes posições em defesa da paz e da justa solução para o conflito árabe-israelense, especialmente a questão palestina e é uma trincheira na luta contra os planos sionistas e imperialistas na região. Desde logo, ao abrir os trabalhos desta reunião, manifestamos a plena solidariedade do Conselho Mundial da Paz ao povo e ao governo da Síria em sua justa e legítima luta pela recuperação das Colinas de Golan, território sírio usurpado pela agressão militar israelense de 1967 e até hoje sob ocupação.

Estimados camaradas, o período transcorrido desde a Assembleia de Caracas é sumamente rico em acontecimentos de importância para a nossa luta pela paz, por um mundo justo e solidário, livre do domínio e da hegemonia das grandes potências imperialistas.

De uma maneira geral, permanecem em ação os fatores que geram instabilidade e conflitos, continuam graves as ameaças à paz mundial e à segurança internacional. Prosseguem em agravamento contradições sociais, próprias de um sistema econômico e político que se tornou um obstáculo ao desenvolvimento, à cooperação internacional, ao progresso social. Continuam em execução planos de domínio do mundo por forças imperialistas, prosseguem a militarização, os ataques às liberdades, as violações de direitos

políticos e econômicos dos povos, o menoscabo do Direito Internacional, a agressão à soberania nacional.

Um dos fenômenos mais salientes do quadro internacional no período que nos separa da Assembleia de Caracas foi a eclosão da crise econômica e financeira do capitalismo, reveladora dos sérios impasses e limites históricos de um sistema econômico e social baseado na exploração e opressão dos trabalhadores. Tal crise afigura-se como sistêmica, estrutural, grave, profunda e duradoura. É responsável pelo aumento da miséria entre os trabalhadores e pelo ainda maior debilitamento dos países pobres.

Um mundo em crise é um mundo propenso a conflitos, mormente quando esta crise tem em seu epicentro a maior economia do planeta – a dos EUA – e quando este país, o mais influente politicamente e mais poderoso militarmente, começa a exibir sinais de declínio e emergem novos polos de poder econômico e geopolítico. Uma superpotência hegemônica em declínio tende a ser mais agressiva na defesa de seus interesses e privilégios espalhados pelo mundo.

Outro fato marcante na situação internacional ocorrido depois da Assembleia do CMP de Caracas foi a eleição de Barack Obama como novo presidente dos Estados Unidos, em novembro de 2008. Uma aparatosa máquina de propaganda visando maquiagem a imagem do imperialismo fabricou a ilusão de que ocorrerão mudanças de rumo na situação internacional, que se traduziriam na abertura de uma nova era de paz, convivência democrática entre as nações, segurança, respeito ao Direito Internacional, vigência dos direitos humanos e restauração do multilateralismo sob a égide de uma Organização das Nações Unidas reformada e pró-ativa na solução pacífica dos conflitos.

Mas o movimento pela paz não se deve permitir ilusões. Mesmo considerando as diferenças de métodos e estilos entre os partidos Democrático e Republicano e o perfil distinto do Presidente Barack Obama comparativamente ao seu antecessor, o qual passou à história como o mais agressivo e antidemocrático presidente dos Estados Unidos, moralmente condenado como fator de crimes de guerra contra a humanidade, devemos analisar os fenômenos com objetividade para procurar entender o que está em curso na realidade dos Estados Unidos e internacional.

O objetivo explícito de Barack Obama, manifestado desde a campanha eleitoral do ano passado, é recuperar a liderança mundial dos Estados Unidos, em todos os domínios – político, diplomático, econômico e militar. “Para triunfar – disse Barack Obama durante a campanha eleitoral – necessitamos

de uma liderança que entenda a conexão entre nossa economia e nossa força no mundo. Nós ouvimos frequentemente acerca de dois debates – um em segurança nacional e outro sobre a economia – mas é uma distinção falsa. Devemos ser fortes em casa e fortes no exterior – essa é a lição de nossa história. Nossa economia apoia nosso poder militar e aumenta nosso nível diplomático, e esses são os cimentos da liderança americana no mundo. Agora, devemos renovar a competitividade americana para apoiar nossa segurança e liderança global.” (Discurso de campanha na Virgínia, em 22 de outubro de 2008). Em outro pronunciamento na mesma campanha eleitoral, Obama anunciou o objetivo de “fazer deste século outro século dos Estados Unidos”.

A profundidade da crise do capitalismo, que tem seu epicentro nos Estados Unidos, as fragilidades estruturais da economia do país, as dívidas, os déficits gêmeos, a deterioração do padrão dólar, os sinais de declínio da hegemonia econômica norte-americana no mundo, a gravidade da crise social, as dificuldades da agenda política interna e sobretudo as derrotas sofridas no terreno internacional fazem com que o novo presidente busque novos métodos para exercer a hegemonia norte-americana. O imperialismo estadunidense se isolou tanto e tornou-se alvo da legítima revolta dos povos, que hoje busca apresentar-se com nova imagem. Por isso, o novo presidente, já no discurso de posse, em 20 de janeiro deste ano, falou de “restaurar as fortes alianças e a diplomacia americana”, o que leva alguns a falarem sobre as condições para o exercício do “poder brando” e do “poder inteligente”.

Os primeiros meses do novo presidente têm sido, assim, marcados na área externa por uma combinação de pragmatismo, cautela, habilidade política em face de problemas delicados, muita retórica, ações pendulares e grandes operações de *marketing* político. O Presidente Obama refere-se criticamente à política de instalação de colônias na Cisjordânia, mas reafirma o compromisso com a “segurança” de Israel, mantém a ajuda militar e autoriza a participação do Exército norte-americano em exercícios militares conjuntos com o Exército israelense. Anuncia que fechará o campo de concentração de Guantánamo, relaxa alguns aspectos mais odiosos do bloqueio a Cuba, mas em seguida prorroga a vigência da lei que autoriza o bloqueio à revolucionária ilha. Participa de reunião de cúpula com chefes de Estado de toda a América Latina, preconiza o início de uma nova época nas relações hemisféricas, mas continua a fustigar e provocar os governos anti-imperialistas, nomeadamente os da Venezuela e da Bolívia. Num quadro geral de avanços progressistas, durante este ano ocorreu o golpe de Estado em Honduras,

país centro-americano que gradualmente incorporava-se aos processos de integração solidária e passava por avanços democráticos. Ainda como exemplo dos movimentos pendulares, a nova administração dos Estados Unidos, anuncia a revogação do plano de instalação do escudo antimísseis na República Tcheca e na Polônia, mas simultaneamente proclama que os Estados Unidos continuam comprometidos com um sistema de defesa com mísseis antibalísticos.

Essencialmente, a situação internacional não registra progressos em favor da paz, no que diz respeito às ações dos Estados Unidos e seus aliados, nem à diminuição das tensões ou focos de conflitos.

As chamas da guerra continuam a arder no Iraque sob ocupação das tropas estadunidenses. O anúncio do plano de retirada a longo prazo não contribuiu para estabilizar a situação. A presença de tropas de ocupação continua a provocar escaramuças militares e incidentes políticos.

O novo governo estadunidense defende a continuidade da chamada “guerra ao terrorismo”, deslocando o seu centro para o Afeganistão. O Pentágono e o Departamento de Estado são unívocos na opinião de que é necessário enviar mais tropas e destinar maiores recursos para ganhar a guerra no Afeganistão e confrontar a crescente ameaça da Al Qaeda na fronteira com o Paquistão. A guerra do Afeganistão, herança maldita do governo de George W. Bush, vai convertendo-se cada vez mais na guerra de Obama. No último dia 20 de setembro, o Presidente dos EUA declarou que esta guerra não tem prazo para acabar. “Eu não tenho um prazo final para a retirada” do Afeganistão, disse ele em entrevista a um programa televisivo.

Nesse mesmo dia, o jornal *The Washington Post* divulgou documento escrito pelo General Stanley McChrystal, comandante das forças norte-americanas e da Otan no Afeganistão e enviado ao Secretário da Defesa dos Estados Unidos, Robert Gates, em 30 de agosto, afirmando que os Estados Unidos precisam enviar mais tropas ao Afeganistão a fim de evitar uma derrota. “O fracasso em prover recursos adequados (mais tropas) resulta no risco de um conflito mais longo, mais mortes, custos mais elevados e, em última instância, uma perda de apoio político. Qualquer um desses riscos, por sua vez, pode resultar no fracasso da missão.”

O general propõe acelerar o aumento do número de soldados. A meta atual é expandir o contingente de 92 mil para 134 mil até dezembro de 2011. Sua proposta é atingir esse nível até outubro de 2010.

Seguindo o mesmo curso de primazia militar, os Estados Unidos têm quase um milhar de bases militares espalhadas pelo mundo. O novo governo propôs o aumento dos gastos militares, que correspondem à quase totalidade dos gastos de todos os demais países somados. O orçamento militar da Casa Branca foi incrementado em 4%, ao passo que foi aumentada também a verba destinada a financiar as guerras do Iraque e do Afeganistão (mais 75,5 bilhões de dólares para 2009 e mais 130 bilhões de dólares para o ano de 2010).

Ultimamente passou para o centro da política do imperialismo norte-americano o aumento da presença militar na América Latina e no Caribe, como o demonstram o relançamento da Quarta Frota, no apagar das luzes do Governo de George W. Bush, e o acordo militar entre os Estados Unidos e a Colômbia, já sob o Governo Obama, que prevê a instalação de sete bases militares da superpotência do Norte nesse país sul-americano. Por este acordo, as Forças Armadas estadunidenses utilizarão três instalações militares colombianas nas regiões de Malambo, na costa norte do Caribe, ao lado da Venezuela, Palanquero, no rio Magdalena, a 100km a noroeste de Bogotá, no centro do país, e Apiay, nas planícies orientais, próximo à fronteira brasileira. A estas se agregam as bases de Tolemaida, no centro do país, e Larandia, perto da fronteira com o Equador. A iniciativa prevê ainda a utilização da base naval da baía de Málaga e a de Cartagena, na costa do Caribe, por navios de guerra dos Estados Unidos. Com duração de dez anos, o acordo permitirá que os norte-americanos tenham 1.400 homens, entre civis e militares na Colômbia e contará com investimentos da ordem de cinco bilhões de dólares. Com muita propriedade, o líder cubano, companheiro Fidel Castro, chamou essas bases militares de “sete punhais no coração da América”. O Presidente venezuelano Hugo Chávez também denunciou em termos contundentes:

“Queremos denunciar que este fato é parte de um plano político e militar, orquestrado para acabar com o projeto da União das Nações Sul-americanas (UNASUL), além de ser a maior ameaça neste momento histórico, para as infinitas riquezas que jazem em nosso continente, isto é: o ouro negro, nosso petróleo; o ouro azul, as grandes reservas aquíferas; o ouro verde, nossa Amazônia” (Carta do Presidente Hugo Chávez aos presidentes dos países que compõem a Unasul, 10 de agosto de 2009). No mesmo documento, o Presidente da República Bolivariana da Venezuela assinalou: “Seria um grave erro pensar que a ameaça é apenas contra a Venezuela; dirige-se a todos os países do sul do continente. Geopoliticamente estamos ao sul da hegemonia e é uma realidade que, transcendendo a tendência política dos governos do mundo, o problema da guerra diz respeito a toda a humanidade”.

Os Estados Unidos reativaram a Quarta Frota de sua Marinha de Guerra num momento em que a América Latina ruma para a consolidação de um bloco regional que se caracteriza pelas posturas solidárias, independentes e soberanas, construindo fóruns regionais como o Mercosul, a Unasul, a Alba e o Conselho de Defesa Sul-Americano, afastando-se objetivamente da tutela estadunidense. Acrescente-se que em meio a este processo foi derrotada a tentativa dos Estados Unidos de impor à América Latina a criação de uma Área de Livre Comércio, a ALCA.

Outra movimentação recente do imperialismo estadunidense no sentido de aumentar sua presença militar no mundo foi a criação do Comando Africano, ou AFRICOM, num quadro em que são numerosas as bases militares de países imperialistas europeus e em que crescem as ameaças de intervenção sob o pretexto de solucionar os conflitos internos no Sudão.

Entre os fatos marcantes ocorridos desde a Assembleia de Caracas, destaca-se a reunião da cúpula da Otan, em Estrasburgo e Kehl, que reuniu na fronteira franco-germânica os chefes de estado e de governo dos 28 países-membros, em 4 de abril do ano em curso. O acontecimento teve a pompa e a circunstância da celebração do 60º aniversário da Aliança Atlântica. A declaração conjunta reafirmou o novo “conceito estratégico”, adotado no início dos anos 1990, novo conceito que não significa a alteração do seu caráter agressivo, antes pelo contrário, reforça esse caráter e amplia o raio de ação, que não se circunscreve mais à região do Atlântico Norte. Foi baseada nesse novo conceito que a Otan agrediu a Iugoslávia, expandiu-se para o Leste Europeu, participa da guerra do Afeganistão e imiscuiu-se no conflito do Cáucaso.

No quadro da militarização e das ameaças à paz mundial e à segurança internacional destaca-se ainda o chamado dossiê nuclear. Apesar da retórica sobre desarmamento e não proliferação, é inalterada a essência da política imperialista: monopólio das armas nucleares combinado com chantagem contra os países que buscam poder dissuasão ou usar a energia nuclear para fins pacífico. É sobre esta base que permanecem as ameaças à República Popular Democrática da Coreia e ao Irã.

O tema ganhará destaque ainda maior, porquanto se realizará em maio de 2010 a Conferência das Nações Unidas sobre a Revisão do Tratado de não Proliferação Nuclear. Reafirmamos a posição histórica do CMP ratificada na Assembleia de Caracas: “Os povos do mundo continuam confrontados com a ameaça da guerra nuclear, representada pela política dos Estados Unidos de ataque nuclear preventivo... A eliminação das armas nucleares é uma

urgente tarefa de toda a humanidade. Hoje, cresce em todo o mundo o apelo para a abolição das armas nucleares. O CMP exige que todos os países detentores de armas nucleares dêem passos concretos para a abolição dos seus arsenais nucleares em face da Conferência sobre a Revisão do Tratado de não Proliferação Nuclear. Além disso, o CMP apela à realização de ações pelo desarmamento geral em todo o mundo”.

Com essa perspectiva o CMP deve preparar-se para participar de ações, movimentos, conferências, seminários relacionados com a Conferência das Nações Unidas, levando a esses fóruns as opiniões constantes da Declaração da Assembleia de Caracas.

Companheiras e companheiros, o fato mais grave que abalou o mundo e comoveu a humanidade no período que nos separa da Assembleia de Caracas foi a criminosa agressão israelense contra o povo palestino entre dezembro de 2008 e janeiro de 2009. Uma agressão que se afigurou como um verdadeiro genocídio, um hediondo crime de lesa-humanidade. Durante os ataques à Faixa de Gaza, mais de 1.400 palestinos foram assassinados, um terço dos quais crianças. Os ataques foram desferidos contra a população civil indefesa. Não é casual que tenham recebido a firme condenação dos povos e que as Nações Unidas tenham acabado de aprovar o relatório que condena Israel como responsável por crimes de guerra.

O Oriente Médio continua vivendo situação tensa e explosiva. Apesar das palavras conciliatórias do Presidente dos Estados Unidos, ainda não foi dado nenhum sinal de que outra política será aplicada em relação ao Oriente Médio. A rigor nada se alterou em essência quanto aos chamados planos de reestruturação do Oriente Médio através dos quais, sob o pretexto de democratizar a região, pretende-se moldar regimes dóceis e submissos para facilitar a consecução de objetivos estratégicos de domínio desta importante região, rica em recursos energéticos.

O escopo da política norte-americana para a região é muito amplo. Estende-se ao norte da África e à Ásia Central, chegando até o Paquistão, foco possível de novos conflitos e terreno vulnerável à ação intervencionista estadunidense.

O Estado de Israel, principalmente depois da eleição de mais um governo da direita sionista, aumenta sua arrogância e intransigência. Superarmado e contando com o indeclinável apoio do imperialismo norte-americano, aumenta sua política agressiva, intensifica a instalação de

assentamentos nos territórios palestinos, impõe condições inaceitáveis aos palestinos, exige acima de tudo o reconhecimento do Estado judaico com a primazia à segurança de Israel, não disfarçando mais o objetivo de fazer de Israel um Estado étnico e religioso, o que implica a expulsão dos palestinos da sua terra. Nega liminarmente o reconhecimento de um Estado Palestino livre e independente, com território contínuo, capital em Jerusalém e forças armadas próprias. E comporta-se de maneira intransigente com relação ao repatriamento dos refugiados, matéria sobre a qual há resolução das Nações Unidas.

Israel desrespeita e viola sistematicamente o Direito Internacional e as resoluções da ONU concernentes ao conflito árabe-israelense, como a Resolução nº 242, que estabelece a total retirada de Israel de todos os territórios árabes ocupados em 1967.

A agressividade israelense volta-se também contra outros países árabes. Em 2006 a aviação israelense bombardeou sistematicamente o Líbano, numa outra guerra genocida que a então secretária de Estado dos Estados Unidos comparou às “dores do parto do novo Oriente Médio”.

Problema dos mais agudos na crise do Oriente Médio, é a continuação da criminosa ocupação dos territórios sírios das Colinas de Golan, fruto de uma agressão militar. O governo sírio, por sua indeclinável posição em defesa da causa palestina, da causa árabe, da unidade das forças progressistas árabes, é alvo constante de manobras estadunidenses e israelenses visando ao seu isolamento internacional. A devolução de Golan à Síria é um justo clamor desta nação. Os lutadores pela paz e o movimento anti-imperialista em todo o mundo sentem-se no dever de hipotecar irrestrita solidariedade ao povo e ao governo da Síria merece o indeclinável apoio de todos os que lutam pela recuperação das Colinas de Golan.

Também a sistemática campanha anti-iraniana movida pelo imperialismo estadunidense, instrumentalizando artificialmente a questão democrática e hipocritamente a questão nuclear, cria novos elementos de tensão e agrava ainda mais a situação na região.

Companheiras e companheiros, gostaria de ressaltar também que a Reunião do Comitê Executivo do CMP realiza-se quando o povo cubano celebra o 50º aniversário da sua Revolução, reafirmando os valores da resistência e da luta, assim como o empenho para construir uma nova sociedade.

Em todo este contexto, o Conselho Mundial da Paz reafirma sua condenação às estratégias guerreiras do imperialismo norte-americano e seus aliados, à militarização e todas as ameaças à paz. Exige a retirada das tropas de ocupação do Iraque e do Afeganistão e a libertação da Palestina, com a criação do seu estado nacional. Manifesta indeclinável solidariedade com os povos latino-americanos na luta por sua independência e soberania, pela democracia e a integração, contra a ingerência do imperialismo estadunidense, contra a Quarta Frota e as bases militares na Colômbia e em todos os países da região.

Companheiras e companheiros, foi nesse cenário que o Conselho Mundial da Paz desenvolveu a sua atividade, na qual procurou aplicar as resoluções e o plano de ação aprovados na Assembleia de Caracas. Enumerarei aqui algumas iniciativas do período.

### **Quanto ao funcionamento dos fóruns do CMP**

Realizou-se com êxito a reunião do Secretariado em Lisboa, que aprovou as linhas gerais de trabalho e um calendário de atividades.

As coordenações regionais das Américas, da Ásia, da Europa e do Oriente Médio realizaram suas respectivas reuniões.

### **Iniciativas políticas**

- Jornada de Lutas contra a Otan, na passagem do 60º aniversário dessa organização agressiva. Na ocasião, participamos de atividades em Estrasburgo, Belgrado e Buenos Aires.
- Campanha contra a reativação da Quarta Frota – Iniciativa latino-americana, que mesmo em fase inicial conta com o apoio de muitas entidades.

### **Solidariedade a povos em luta**

- Foram realizadas visitas de solidariedade e relacionamento aos seguintes países: Cuba, China, Coreia, Chipre, Grécia, Colômbia, Japão, entre outros.
- Visita de membros do CMP a regiões de conflito, como Saara Ocidental, Colômbia e Palestina.
- Encontro de solidariedade aos cinco patriotas cubanos (Havana).
- Conversações com autoridades cubanas sobre a participação do CMP na luta pela libertação dos cinco patriotas.

- Ativa participação de organizações integrantes do CMP nas jornadas de solidariedade com Cuba.
- Ativa participação de organizações integrantes do CMP nas mobilizações mundiais contra os bombardeios realizados por Israel em Gaza.

### **Participação em atividades de organizações-membros e amigas**

- AAPSO (Dezembro de 2008)
- Fundação do ChilePaz
- Assembleia do Cebrapaz (julho 2009)
- Aniversário do MovPaz (agosto 2009)
- Visita à Sede da Federação Sindical Mundial (Agosto 2008)

### **Participação com destaque em eventos internacionais**

- Fórum Social Mundial – Belém, janeiro – 2009: organizamos uma exposição sobre a situação do povo palestino, montamos uma tenda que foi referência para todos os movimentos de luta pela paz e contra a militarização, além de realizarmos uma Conferência sobre as Bases Militares Estrangeiras.
- II Encontro contra a Militarização na América Latina (Palmerola-Honduras – outubro de 2008)
- Jornadas de Solidariedade com a Colômbia (Bogotá e Barcelona).
- Cúpulas dos Povos em Defesa da Integração (Salvador, Brasil, Montevídeu, Uruguai e Tucuman, Argentina).
- Conferência Trilateral, realizada em Toronto, Canadá, outubro de 2009.
- Atividades em recordação aos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki (2008 e 2009).

### **Participação em instâncias institucionais**

- Uma das principais iniciativas foi o convite para que o CMP participe nas reuniões do Movimento dos Países Não Alinhados – NOAL.
- Participação nas atividades do sistema das Nações Unidas: Comissão de Desarmamento (Genebra), Conferência pelo Desarmamento Agora (México).

As perspectivas para a atividade do CMP são promissoras.

- A luta pela paz continuará tendo caráter estratégico no cenário inter-

nacional, o que torna necessário um CMP fortalecido, capaz de liderar uma ampla frente de contestação às políticas imperialistas, à guerra e às bases militares.

É necessário incrementar a capacidade de iniciativa política, desenvolvendo campanhas próprias e ações que permitam um amplo engajamento em torno de lutas reais nas regiões, além de participar e cooperar com articulações unitárias e coalizões de movimentos de massas.

Devemos perseverar na valorização dos espaços institucionais, como os existentes no sistema das Nações Unidas, fazer destes espaços tribunas para nossas lutas e opiniões.

Desafio a enfrentar permanentemente é o de fortalecer o funcionamento interno, com a incorporação de novos membros, maior dinâmica das coordenações regionais, valorização dos fóruns como instância de elaboração e uma dinâmica de trabalho coletivo.

Com a ajuda de todas as organizações integrantes, continuaremos esforçando-nos para melhorar as ferramentas de comunicação, aperfeiçoar o sistema de financiamento do CMP e persistir nos esforços para o resgate da memória do CMP.

Companheiras e companheiros, no próximo ano o CMP completa 60 anos de sua existência, um percurso glorioso, em que deu inestimável contribuição à luta dos povos pela paz. Façamos do ano de 2010 o ano do fortalecimento do CMP, comemorando condignamente o seu 60º aniversário, lançando um programa de lutas e um plano de atividades que permitam acumular forças e preparar um salto qualitativo desta organização que é uma trincheira destacada na luta anti-imperialista e pela paz.

Bom trabalho a todos.

Muito obrigada.

*Socorro Gomes* Presidenta do Conselho Mundial da Paz.

Damasco, Síria, 22 de outubro de 2009

O Senador Inácio Arruda iniciou sua vida pública ainda na década de 80. Servidor público e eletrotécnico, foi eleito vereador em 1988, deputado estadual em 1990 e deputado federal em 1994, se reelegendo em 1998 e em 2002. Em 2006, foi eleito senador pelo estado do Ceará, com quase dois milhões de votos, sendo o primeiro comunista a ocupar uma cadeira no Senado depois de Luís Carlos Prestes, em 1946. É líder do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) no Senado e membro do Comitê Central do Partido.

Em sua atuação legislativa, destaca-se a emenda constitucional, em conjunto com o Senador Paulo Paim, que propõe reduzir a jornada semanal de trabalho de 44 para 40 horas, com meta de criar 3,6 milhões de novos empregos no Brasil. Inácio Arruda também foi autor do substitutivo, na Câmara dos Deputados, que resultou no Estatuto da Cidade.

Inácio Arruda está entre os cem mais influentes parlamentares da Casa, segundo pesquisa anual do Diap. No Senado, atua como titular da Comissão de Infraestrutura, da Comissão de Educação e da Comissão de Assuntos Econômicos. É suplente na Comissão de Constituição e Justiça, Comissão de Assuntos Sociais, Comissão de Relações Exteriores e na Comissão de Meio Ambiente, Direitos do Consumidor e Fiscalização e Controle. Participa da Comissão Mista Especial sobre Mudanças Climáticas e do Conselho do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz. Também é parlamentar pelo Mercosul, fazendo parte da Comissão de Infraestrutura daquele Parlamento.